



SEÇÃO: ARTIGOS

O chicote do discurso: um olhar bakhtiniano para a institucionalização do racismo no Brasil contemporâneo¹

The discourse whip: a bakhtinian view for the institutional racism in contemporary Brazil

El látigo del discurso: una mirada bakhtiniana para la institucionalización del racismo en el Brasil contemporáneo

Cristiano Sandim

Paschoal²

orcid.org/0000-0002-1638-4120

cristiano.paschoal@edu.pucrs.br

Recebido em: 26 abr. 2021.

Aprovado em: 04 jan. 2022.

Publicado em: 20 abr. 2022.

Resumo: Considerando o recrudescimento de discursos com contornos conservadores e intolerantes na atmosfera sociopolítica do Brasil pós-2018, este artigo tem por objetivo analisar a maneira como o racismo se configura no discurso institucional atual. Ancorando-se nos pressupostos teórico-metodológicos bakhtinianos, foram mobilizadas as noções de palavra e contrapalavra, tendo como objeto de escrutínio um projeto de dizer do atual presidente da Fundação Palmares, instituição atrelada ao poder executivo federal. Visto que o discurso é uma prática social que revela a maneira como a sociedade de uma determinada época se configura ideologicamente, durante o movimento analítico, observou-se que o projeto enunciativo analisado sugere a proeminência de uma visão institucional racista, marcada explicitamente pelo uso discursivo de palavras ofensivas e violentas. Em contrapartida, percebeu-se que a comunidade negra nacional, mesmo vilipendiada institucionalmente, demonstra, pelo indício fenomênico da contrapalavra, um arquétipo identitário permeado pelo campo semântico-axiológico da resistência.

Palavras-chave: Discurso racista. Círculo de Bakhtin. Fundação Palmares. Racismo institucional.

Abstract: Considering the emergence of discourses outlined by conservative and intolerant in the Brazilian socio-political atmosphere post-2018, this article aims to analyze how the racism is configured in the current institutional discourse. The notions of word and counterword are mobilized based on the Bakhtinian theoretical and methodological assumptions, having as object a project of speech by the current president of the Palmares Foundation, an institution which is part of the Federal executive power. Assuming that discourse is a social practice that reveals how societies from different periods of time are ideologically structured, this enunciative project analysis evidenced the prominence of a racist institutional view, explicitly marked by discursive use of offensive and violent words. In contrast, the analysis showed that despite being institutionally vilified, the national black community demonstrates, through phenomonic evidence of counterword, an identity archetype permeated with the semantic-axiological field of resistance.

Keywords: Racist discourse. Bakhtin circle. Fundação Palmares. Institutional racism.

Resumen: Considerando el auge de discursos con contornos conservadores e intolerantes en el ambiente sociopolítico de Brasil post 2018, este artículo tiene como objetivo analizar la forma en que el racismo se configura en el discurso



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

² Este artigo consiste em um recorte teórico-metodológico de parte da dissertação de mestrado da presente autoria, defendida em março de 2021, no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti.

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

institucional actual. Anclado en los supuestos teóricos y metodológicos bajtinianos, se movilizaron las nociones de palabra y contrapalabra, teniendo como objeto de escrutinio un proyecto del discurso del actual presidente de la Fundação Palmares, institución vinculada al poder ejecutivo federal. Dado que el discurso es una práctica social que revela la forma en que la sociedad de un momento dado se configura ideológicamente, durante el movimiento analítico, se observó que el discurso analizado sugiere el protagonismo de una mirada institucional racista en el Brasil de hoy, marcado por la uso de un lenguaje soez. Por otro lado, se notó que el movimiento negro, incluso vilipendiado por la institución que debería representarlo, muestra una evidencia fenomenal de contrapalabras marcadas por el campo semántico-axiológico de resistir.

Palabras clave: Discurso racista. Circulo de Bakhtin. Fundação Palmares. Racismo institucional.

Considerações iniciais

"E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!".
(Carolina Maria de Jesus)

"Moro, num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza!". Assim cantou Jorge Ben Jor, e, por meio de diferentes manifestações enunciativas, o Brasil, por muito tempo, vendeu-se, discursivamente, como sendo um país pacífico. No entanto, se atentarmos com lucidez para a historiografia brasileira, podemos perceber que essa narrativa, por diversos motivos, oblitera fatos capazes de desconstruí-la.

Em sua obra intitulada *Sobre o autoritarismo brasileiro*, a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (2019), ao se debruçar sobre aspectos históricos fundantes da sociedade brasileira, mostra, por meio de dados da memória historiográfica, o quão autoritária é a ontologia sociopolítica do ser brasileiro. Costurando e entrelaçando facetas do passado e do presente, a pesquisadora nos indicia que a democracia fora descumprida por diversos momentos no âmbito político do país, apontando-nos o fato de que, atualmente, "talvez estejamos vivendo mais um novo capítulo desta nossa história autoritária, com uma convincente guinada conservadora e reacionária, que surgiu nas urnas de 2018" (SCHWARCZ, 2019, p. 224).

Nesse sentido, no que tange ao horizonte discursivo do Brasil, pode-se presenciar, atualmente, o recrudescimento dos aspectos autoritários da

gênese fundante nacional em diversas esferas da atividade humana. Parte desse fenômeno de retorno às visões de mundo vetustas, marcadas pelo ato de vilipendiar as minorias sociais, tem como sustentáculo o atual governo executivo federal, uma vez que, no conjunto de suas discursivizações, pode ser observado

o intento de polarizar (nós *versus* eles), configurado em dicotomias como branco x negro, superior x inferior, heterossexual x homossexual, religioso x não de Deus, decente x vagabunda, nordestino bom x nordestino ruim. Vê-se, portanto, discursos marcados, axiológicamente, por tons valorativos de machismo, desigualdade, racismo, homofobia e xenofobia que, quando entrecruzados, formam um centro de valor caracterizado pela *intolerância*, voltado para atingir o outro, calá-lo, silenciando, por meio de práticas sociais e discursivas, as possibilidades de se fazerem manifestadas visões de mundo diferentes (PASCHOAL, 2020, p. 16, grifo do autor).

Considerando o breve cenário apresentado e sua relevância temática, o presente artigo tem por objetivo analisar a maneira como o racismo institucional se configura no discurso sociopolítico contemporâneo, circunscrito sob a égide do governo bolsonarista. Como objeto de escrutínio, foi selecionado um áudio vazado que esboça um ato discursivo proferido pelo atual presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo. O material prosódico elencado integra uma reunião executiva do órgão estatal, ocorrida a portas fechadas no dia 30 de abril de 2020, cuja integridade do evento pode ser encontrada na plataforma digital YouTube. A seleção do objeto investigativo se justifica, principalmente, pelos sentidos que emergem do projeto de dizer averiguado, uma vez que, acoplado à axiologia racista, percebeu-se, também, um preconceito religioso posto em (dis)curso. Pelo fato de a palavra ser "o indicador mais sensível das mudanças sociais [...] capaz de fixar todas as fases transitórias [...], por mais delicadas e passageiras que elas sejam" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106), acreditamos que a importância deste artigo se estabelece por meio de dois matizes, a saber: o social e o teórico. No que diz respeito ao matiz social, por ser a palavra um espaço que revela o destino das vozes humanas,

acreditamos que esta investigação traz à tona o quanto as vidas negras, com a ascensão do autoritarismo, estão sendo (re)mobilizadas para um lugar de vilipêndio. No que tange ao matiz teórico, destaca-se a situacionalidade enunciativa pelo viés historiográfico, que amplia a discussão social, revelando a dialética-dialógica bakhtiniana como integrante dos estudos culturais, por meio da linguagem, como ato ético discursivo.

Ancorando-se nos pressupostos bakhtinianos, no que concerne à metodologia analítica, observou-se, em um primeiro momento, como as palavras proferidas pelo locutor revelam, principalmente, uma estrutura política alicerçada no racismo, cujo intento nodal é o de dificultar a atuação negra na esfera pública. Em um segundo momento, averiguou-se, no âmbito fenomênico da contrapalavra, que a identidade negra, mesmo vilipendiada atualmente, continua a resistir, prática identitária étnico-racial assistida desde o açoitamento colonial.

Tendo em vista essas incumbências investigativas, este estudo lapida seu percurso a partir de três eixos enunciativos. No primeiro, convocando olhares sociológicos para os processos históricos, são desenvolvidas breves reflexões acerca do racismo estrutural no território brasileiro. No segundo, discorre-se sobre os pressupostos centrais bakhtinianos, dando ênfase, por meio do nosso olhar interpretante, à forma como esse arcabouço teórico compreende as noções de *palavra* e *contrapalavra*. No terceiro eixo, analisa-se o projeto de dizer selecionado, bem como um fenômeno de contrapalavra que dele emergira.

1 Brasil escravocrata: um passado não tão distante

Da mesma forma que o índio fora brutalmente violentado pelo homem branco europeu no processo de invasão do território brasileiro, o negro também lhe servira (e muito) como objeto de violação. Pelo fato de Portugal ter sido o primeiro país europeu a realizar o tráfico de africanos, dada a dominação portuguesa de regiões da África, transportavam-se, via navios, negros para serem leiloados à escravidão em solo brasileiro

(COSTA, 2016, p. 40). Submetidos a todo o tipo de violência, muitos negros tentaram resistir ao forte ambiente autoritário a que foram condicionados. Um exemplo disso foi um grupo africano que, em busca de liberdade, acabou formando a comunidade quilombola dos Palmares.

Entretanto, apesar de a historiografia narrar tentativas de resistências da comunidade negra às diversas violências sofridas, o servilismo escravocrata perdurou por séculos, sendo o Brasil o último país a aboli-lo. Esse dado revela, em certa medida, a dimensão mastodôntica da gênese autoritária do processo de formação étnico-racial brasileira, uma vez que a escravidão passou a ser tão disseminada em solo nacional que

deixou de ser privilégio de senhores de engenho. Padres, militares, funcionários públicos, artesãos, taverneiros, comerciantes, lavradores, grandes proprietários, a população mais pobre e até libertos possuíam cativos. E, sendo assim, a escravidão foi bem mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferenças fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia muito estrita (SCHWARCZ, 2019, p. 27).

Além disso, a figura da mulher em território brasileiro fora, desde os primórdios da gênese nacional, violentada em termos de servilismo doméstico, visto que, "nos tempos coloniais, o Brasil foi uma sociedade marcada pelo claro desequilíbrio sexual [...] não só os colonizadores homens chegavam em maior número, como aqui entravam muito mais escravizados homens" (SCHWARCZ, 2019, p. 193). Esse fenômeno tem, dentre muitos outros, papel decisivo para a nação brasileira ser considerada uma das mais desiguais no que tange às relações de poder entre os universos feminino e masculino.

Contudo, visto que a orgânica socioeconômica estatal influencia diretamente na configuração das relações sociais, o servilismo do índio, do negro e da mulher adquirira novas vestes a partir da mudança de paradigma do funcionamento político nacional. Conforme relata Costa (2016), a partir da metade do século XVIII, por volta de 1750, ocorre a Revolução Industrial, iniciada pela Inglaterra,

que transformou o modelo socioeconômico do mundo ocidental e deu fim ao sistema mercantilista. Concomitantemente a essa ambientação histórica, a família real portuguesa, em uma fuga das tropas franco-espanholas que invadiam Portugal, instalou-se no Brasil e instituiu o regime governamental monárquico-imperial, o qual se iniciou em 1822 e se estendeu até 1888/1889. Durante esse período, marcado por considerável polarização no espectro social brasileiro, houve o ensejo gradual de distintas leis que, a priori, deveriam servir para a amenização do conjunto de estratégias violentas lançadas à população negra escravizada. A primeira delas, como nos recorda Schwarcz (2019), denominou-se, em 1871, *Lei do Ventre Livre*, cuja prescrição era a de garantir "liberdade" aos filhos de escravos. Posteriormente, em 1885, fomentou-se a *Lei dos Sexagenários*, a qual garantia liberdade aos escravos que possuíam mais de 60 anos de idade, sendo que, na verdade, em seu pano semântico de fundo, havia um mecanismo que preconizava beneficiar os senhores que escravizavam, uma vez que essa parcela da população negra representava "despesa em vez de lucro para o proprietário" (SCHWARCZ, 2019, p. 30). Por fim, no dia 13 de maio de 1888, a princesa Izabel assina a *Lei Áurea* que dá "fim" à escravidão.

Todavia, se observarmos os fenômenos históricos por meio de lentes sociológicas, podemos perceber que a abolição da escravatura no Brasil não fora interinamente legítima. Essa prospecção se comprova na medida em que nos dias atuais ainda se presencia no território nacional trabalho com configurações análogas à escravidão. Conforme elucidada Souza (2019), alicerçado na ótica bourdieusiana de sociedade, os "ex-escravos"

continuam sendo explorados na sua "tração muscular", como os cavalos aos quais os escravos de ontem e de hoje ainda se assemelham. Os carregadores de lixo das grandes cidades são chamados, inclusive, literalmente, de "cavalos". O recurso que as empregadas

domésticas usam é, antes de tudo, o corpo, trabalhando horas de pé em funções repetitivas, com a barriga no fogão quente, do mesmo modo que faxineiras, motoboys, cortadores de cana, serventes de pedreiro, etc. Como o caminho do aprendizado escolar é fechado desde cedo para a imensa maioria dessa classe, não é o conhecimento incorporado ao trabalhador que é vendido no mercado do trabalho, mas a capacidade muscular, comum a todos os animais [...]. Por conta disso, essa classe, do mesmo modo que os escravos, é desumanizada e animalizada (SOUZA, 2019, p. 108).

Desse modo, ainda que, após o período de redemocratização nacional, a linguagem da escravidão que configura a discursividade brasileira encontrava-se relativamente emudecida, a sua gênese identitária de escravismo permanece delineando as práticas sociais. Atrelado a esse arquétipo escravagista arraigado, a partir das eleições de 2018, observa-se uma proeminência de discursos intolerantes e autoritários, nos quais as minorias sociais, protagonizando objetos dos dizeres de representantes sociopolíticos, são violentadas verbalmente. Nesse espectro discursivo, destaca-se a identidade languageira do candidato eleito a presidente no ano supracitado, Jair Messias Bolsonaro, cuja carreira política, conforme assevera Milanez *et al.* (2019), é, indubitavelmente, permeada por enunciações públicas de racismo.⁴ Por conseguinte, considerando a representatividade que o cargo presidencial exprime, as características discursivas que a voz de Jair Messias Bolsonaro apresenta ratificam o surgimento de enunciações permeadas por tons de intolerância racial, principalmente no âmbito institucional, no qual se encontram circunscritos os seus apoiadores sociopolíticos.

Nesse sentido, dentre os muitos estudos que elucidam como esse estratégia de dominação se lapida, acredita-se que o arcabouço teórico bakhtiniano pode ser um dos protagonistas dessa esteira investigativa, haja vista que, na contracorrente de estudos linguísticos formalistas, lança à linguagem "outro enfoque, mais concreto, que

⁴ Para legitimar essa afirmativa, indicamos ao leitor presumido a averiguação de dois vídeos disponíveis na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=n5Kfeiu4QAM&t=219s> e <https://www.youtube.com/watch?v=n5Kfeiu4QAM&t=219s>. Acesso em: 20 ago. 2020. Ambos consistem em compilações de falas intolerantes do então presidente Jair Messias Bolsonaro, integrando, a fase temporal do político como deputado federal até a sua atuação (em curso) enquanto presidente do Brasil. Trata-se de um conjunto de manifestações cujos conteúdos não indiciam apenas tons racistas, mas, também, homofóbicos, machistas, xenofóbicos e pró-ditadura militar.

não abstrai a atual significação ideológica da palavra e combina a objetividade do conhecimento com a sua profundidade e animação dialógica" (BAKHTIN, 2015, p. 148). Sendo assim, passemos, na sequência, ao desenvolvimento de um possível recorte dos postulados bakhtinianos, tendo em vista o objetivo proposto por este artigo.

2 A palavra e suas vestes sociológicas: um olhar bakhtiniano

Desde a Grécia antiga, as questões que envolvem a linguagem e seus diferentes feixes interpretativos protagonizaram a esteira das ciências filosófico-humanas. Aristóteles (c.384 a. C. - 322 a. C.), no preâmbulo de sua obra *Política*, afirma ser o humano o único animal político pelo fato de ser dotado de linguagem e, por conseguinte, configurar-se enquanto espécie socialmente organizada. A partir de empreendimentos filosóficos como esse, nos quais o uso da palavra distingue a materialidade humana de outros seres vivos, diferentes estudos sobre o *logos* (palavra) começaram a surgir. Dessa seara, desmembraram-se três esteiras de investigação cujos anseios circundam o perscrutar sobre os aspectos dos fenômenos linguísticos: a Gramática, a Filologia e a Linguística.

No que diz respeito à Gramática, pode-se afirmar que, alicerçada nos estudos greco-latinos sobre a linguagem, incumbira-se, em termos gerais, de ora prescrever as regras quanto ao uso da palavra, ora descrevê-la, tendo como parâmetro as suas variações dicionarizadas. No que tange à Filologia, a palavra servira de base investigativa para documentos escritos antigos, visando ao entendimento descritivo de uma língua ou de famílias dela, por meio da glotocronologia.⁵

No contraponto dessa diáde investigativa sobre a palavra, no final do século XIX e início do século XX, ocorre o surgimento da Linguística que, à época, encontra-se bipartida em dois

vieses: o diacrônico e o sincrônico. Conforme esclarece Stella,

A Linguística passava, naquele momento, por duas fases de observação da palavra: numa delas, organizava as línguas em suas famílias e respectivas ramificações de acordo com suas origens [...], na outra, [...] descrevia as relações estruturais em vários níveis a partir da palavra (STELLA, 2018, p. 177).

Desse modo, tinha-se, de um lado, a vertente *onomasiológica*, cuja investigação se centrava nos sentidos afins das palavras de várias línguas, e de outro, a vertente *semasiológica*, ancorada na visão sincrônica saussureana, que "distinguia os traços de significação constituintes do significado da palavra dentro de um sistema" (STELLA, 2018, p. 178).

Entretanto, em concomitância com o desenvolvimento dos princípios sincrônicos da Linguística, no início de 1920, em ambientação russa, emergem os empreendimentos investigativos do Círculo de Bakhtin,⁶ um grupo de intelectuais atrelados a diferentes áreas do conhecimento que, ao lançarem um olhar sociológico à palavra/ linguagem, deram-lhe feições imersas na insígnia do ideológico. Distanciando-se, em certa medida, dos olhares gramaticais, filológicos e linguístico-formalistas, a ótica bakhtiniana, desde seus gestos teóricos iniciais, centralizou seu olhar na linguagem tendo como ponto de partida o seu uso na vida concreta humana.

Em decorrência do seu olhar dialético para o produto (palavra) e o processo (uso da palavra), a filosofia da linguagem bakhtiniana preconiza uma investigação da linguagem marcada pela centralização no discurso (linguagem posta em curso), reclamando convergências entre áreas diversas e, desse modo, trazendo à luz uma observação das formas da língua a partir de facetas que ultrapassam os aspectos intralinguísticos da palavra. Conforme assevera Bakhtin,

⁵ Técnica utilizada por filólogos e linguistas diacrônicos para mensurar a época em que duas línguas se separam da língua que as originou (protolíngua). O cálculo geralmente é desenvolvido pela observação estatística de palavras substituídas por outras na língua que está sendo (ou foi) originada.

⁶ É importante destacar que o Círculo de Bakhtin consistia em um grupo formado por vários estudiosos de distintas áreas do conhecimento, cujos principais representantes da área da linguagem foram Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável Medviédev (1891-1938). Os encontros do grupo para o debate das ideias formuladas ocorreram entre 1919 e 1929. Entretanto, Bakhtin, por ter mais tempo de vida que os demais membros do grupo, deu continuidade às reflexões empreendidas em conjunto. Desse modo, neste artigo, considera-se o todo das formulações bakhtinianas, abarcando, conseqüentemente, as reflexões feitas após 1930.

a língua, a palavra são quase tudo na vida humana. Contudo, não se deve pensar que essa realidade sumamente multifacetada que tudo abrange possa ser objeto apenas de uma ciência – a linguística – e ser interpretada apenas por métodos linguísticos. O objeto da linguística é apenas o material, apenas o meio da comunicação discursiva mas não a própria comunicação discursiva, não o enunciado de verdade, nem a relação entre eles (dialógicas) [...]. A Linguística estuda apenas as relações entre os elementos no interior do sistema da língua, mas não as relações entre os enunciados, nem as relações dos enunciados com a realidade e com a pessoa falante [...] o significado da palavra [...] é estudado por via linguística (a semasiologia linguística), só é definido com o auxílio de outras palavras da mesma língua (ou de outra língua) e nas suas relações com elas (BAKHTIN, 2016, p. 93).

Assim, propondo um alargamento para a visão lançada à palavra, o Círculo bakhtiniano constrói especulações sobre a linguagem humana se alicerçando nas rubricas do dialogismo e da ideologia, matizes que a singularizam enquanto investigação linguístico-discursiva. No que diz respeito ao dialogismo, considerando a potencialidade do seu alcance, neste artigo, opta-se por interpretá-lo a partir de dois aspectos que dialogam, diretamente, com as noções de *palavra* e *contrapalavra*. O primeiro aspecto se refere ao fato de que o sujeito bakhtiniano, apesar de sua singularidade no invólucro do ato ético responsável e responsivo, realiza a arquitetônica de sua existência única a partir das relações intersubjetivas, circunscritas em uma ambientação sócio-histórica. Assim, sob o enfoque da relação entre o *eu* e o *outro*, o "eu pode se realizar na palavra apenas apoiando-se nós" (VOLÓCHINOV, 2019, p. 121). Como resultado da natureza dialógica do ser falante, a ótica bakhtiniana lança aos sujeitos um olhar que ultrapassa seus limites psicofisiológicos, sendo "necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento *social*" (BAKHTIN, 2017b, p. 11, grifo do autor).

O segundo aspecto, diretamente atrelado ao primeiro, diz respeito ao fato de que, se o sujeito é dialógico, os aspectos semântico-axiológicos daquilo que ele enuncia também o são. Dessa forma, as suas palavras, materializadas em enunciados, são revestidas por ecos valorativos expressos no bojo discursivo no qual os sujeitos se encontram

imersos. Consequentemente, os sentidos sob a ótica bakhtiniana se manifestam no dito, mas ecoam para além do que fora manifestado verbalmente, fazendo emergir o não-dito. Tem-se, assim, a palavra para além de morfológica, como sendo um elemento da vida concreta que não apenas pertence ao locutor, mas, sobretudo, ao(s) outro(s) humanos que o constituem em diferentes nuances (interlocutor(es) direto(s), interlocutor(es) presumido(s) e interlocutor(es) não presumido(s)).

A partir da dialética inerente nas díades eu-outro, palavra minha - palavra do outro e sujeito-linguagem, a teoria bakhtiniana tonifica essas relações constitutivas com uma dimensão ideológica. Desde os seus gestos teóricos iniciais, Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato responsável*, lança ao sujeito um olhar mesclado entre os seus aspectos antropológicos e fenomenológicos, caracterizando a sua existência como sendo um ato suficiente para a não existência de alibi no processo de valoração do mundo, em "cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir" (BAKHTIN, 2010, p. 44). Logo, o agir verbal no mundo, sob esse prisma, pressupõe um posicionar-se frente ao objeto de dizer, ao interlocutor e, principalmente, ao mundo vivido.

Não obstante, será em *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Valentin Volóchinov, que a insígnia do ideológico ganhará envergadura, haja vista que, nessa obra, o pensador russo se propõe a contribuir para os estudos de orientação marxista, tendo como ponto de partida a linguagem. Comungado à noção de sujeito postulada por Bakhtin, Volóchinov preceitua que, para o nascimento dos signos, é necessária a concepção de um sujeito socialmente organizado, ou seja, uma ótica para além da psicofisiologia que fundamenta a noção do *Homo sapiens*. Sendo assim, toda realidade signica pressupõe uma realidade social, configurada na dialética entre superestrutura e estrutura de base.

Partindo desses princípios, qualquer objeto do mundo concreto pode tornar-se signo, desde que sobre ele haja uma força que o signifique provinda de sujeitos que, por sua vez, axiologizam a sua natureza, a partir de um ponto de vista

singular. Logo, "um instrumento por si só não se transforma em um signo, nem um signo em instrumento de produção" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93) sem a ação e inter(ação) entre sujeitos, social e hierarquicamente, situados na historicidade do mundo concreto. A partir dessa interrelação social dos sujeitos, nascem os signos ideológicos cuja natureza, pelo fato de ser concebida por sujeitos únicos, é internamente dialética, refletindo e refratando algo que lhe é exterior, uma vez que não semantiza a realidade em si, mas as interpretações subjetivas que os sujeitos projetam em relação a ela.

Contudo, ao mobilizar as questões da ideologia marxista para os estudos da linguagem, Valentin Volóchinov postula a ideia de que, dentre os imensuráveis objetos existentes na realidade concreta, será a palavra um signo ideológico por excelência. Essa característica se fundamenta, segundo o autor, pelo fato de a palavra possuir uma natureza intrinsecamente neutra, uma vez que

todos os demais materiais signícos são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material e forma seus próprios signos e símbolos específicos inaplicáveis a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99, grifo do autor).

Desse modo, a palavra se caracteriza, fundamentalmente, por sua plasticidade, podendo perpassar pelas diversas esferas de atividade humana, axiologizando seus universos simbólicos. As mesmas palavras que semantizam, por exemplo, o signo ideológico *cruz* da esfera religiosa podem, ideologicamente, semantizar o signo bandeira partidária da esfera política, e vice-versa. Ademais, cabe sublinhar que essa neutralidade diz respeito à sua excelência em valorar os diversos microuniversos ideológicos e não à ausência de visão de mundo. Pelo contrário, a palavra é, dentre todos os signos, o mais potencialmente ideológico, por, principalmente, fundamentar a materialidade humana enquanto

um centro de valor. Seja nos âmbitos culturais mais organizados, seja no âmbito cotidiano,

nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

Nesse fluxo de ir e vir no simpósio universal discursivo, a palavra vai adquirindo vestes sociológicas múltiplas, dando à linguagem um caráter tensivo, uma espécie de palco de lutas sociais manifestadas via enunciados. Assim, as palavras conjuradas em enunciados alheios vão adquirindo novos acentos valorativos, novas tessituras em suas vestes, pois "a compreensão busca uma *antipalavra* à palavra do falante" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232, grifo do autor), seja para compactuar ideologicamente ou para rechaçar os efeitos de sentido que delas exalam no ato discursivo. Portanto, é o caráter responsivo dos sujeitos e as contrapalavras por eles enunciadas que darão à palavra uma imortalidade semântico-axiológica.

Aclarados, sinteticamente, os aspectos sociológicos que fundamentam o uso da palavra sob o prisma bakhtiniano, lancemo-nos, na sequência, à análise de nosso objeto, tendo como pressuposto a ideia de que a natureza verbal é determinada "pelo horizonte social de uma época e de um grupo social" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110). Por conseguinte, o projeto de dizer que será observado pode nos revelar parte do caráter sociopolítico e institucional que pulsa discursivamente no Brasil atual.

3 Do chicote físico ao chicote discursivo: o racismo institucional atual

O invólucro circunstancial do projeto do dizer a ser analisado nesta seção diz respeito a uma reunião executiva, como anteriormente mencionado, entre o presidente da Fundação Palmares Sérgio Camargo e dois servidores do órgão estatal. No entanto, é importante destacar que a reunião em voga não fora divulgada em sua plenitude tridimensional, o que tornaria possível a averiguação dos "vestígios da verbivocovisualidade

que contribuem para a construção de sentido" (PAULA; LUCIANO, 2020, p. 116, grifo dos autores), na qual o verbal, o não verbal e o extraverbal se fundem em prol da dimensão da vida. Ocorrida a portas fechadas no dia 30 de abril de 2020, a esfera midiática teve acesso a apenas um áudio que integra a reunião, de maneira que, no vídeo da plataforma *YouTube*, encontra-se divulgada somente a dimensão prosódica do encontro.

Orquestrada pelo próprio presidente da fundação, a temática central que norteou a reunião foi o desaparecimento do celular corporativo do ator social que, na íntegra do áudio, por meio de seu tom prosódico, mostra-se irritado com a situação. Dentre os muitos trechos em que o tom valorativo de irritabilidade se faz proeminente, ressalta-se a passagem enunciativa a seguir:

Tem gente vazando informação aqui pra mídia. Vazando pra uma mãe de santo, uma filha da puta de uma macumbeira. Uma tal de Mãe Baiana, aquela que infernizava a vida de todo mundo. É. Além de fazer macumba pra mim, essa miserável tá querendo agitar invasão aqui de novo. Eu sei, tem gente no grupo dela de WhatsApp. Tinha esquema. Não vai ter nada, nada pra terreiro, da Palmares, enquanto eu estiver aqui dentro. Nada, sério. Macumbeiro não vai ter nenhum centavo [...] Qualquer um. Eu exonerei três diretores nossos assim que voltei. Qualquer um deles pode ter feito isso. Quem poderia? Alguém que quer me prejudicar, invadindo esse prédio aqui pra me espancar. Quem poderia ter feito isso? Invadindo com a ajuda de funcionários daqui. O movimento negro, os vagabundos do movimento negro, essa escória maldita (CAMARGO, 2020).

Dentre os muitos aspectos valorativos que podem ser sublinhados no projeto enunciativo em voga, destacamos, de início, a funcionalidade pragmática que o locutor do discurso apresenta, uma vez que foi esse um dos principais motivos que deixou parte da sociedade brasileira boquiaberta com o conteúdo axiológico de sua enunciação. Esse fenômeno interpretativo ocorre devido ao fato de o discurso de Sérgio Camargo revelar, sobretudo, o modo pelo qual o locutor preceitua a instituição da qual ele é voz social central no horizonte discursivo brasileiro. Criada a partir do Estatuto aprovado pelo Decreto de lei nº418, em 10 de janeiro de 1992, a Fundação Palmares, por meio de ações conjuntas entre

membros da sociedade civil e política, teve, desde seu princípio, o intento nodal de promover e cultivar os aspectos culturais da afro-brasilidade que caracteriza o solo nacional. Sendo assim, o que se espera do seu presidente executivo é, principalmente, a busca por enaltecer segmentos étnicos que formam a sociedade brasileira e, juntamente com isso, os elementos culturais que permeiam a identidade negra.

Entretanto, se atentarmos para o início do trecho supracitado, pode ser observado que o locutor Sérgio Camargo contraria a função central de um presidente dessa organização. Tal compreensão se deve às escolhas lexicais que o enunciador faz, mobilizando signos ideológicos pejorativos (palavras) que maculam uma das principais parceiras da Fundação Palmares. Conhecida como Mãe Baiana de Oyá, Adna Santos é uma das lideranças de maior atuação e expressividade social do Candomblé do Distrito Federal (DF). Ligada à Fundação Palmares há bastante tempo, onde atuou diretamente entre os anos de 2014 e 2019, a religiosa é atualmente Coordenadora de Políticas de Promoção e Proteção da Diversidade Religiosa no Distrito Federal.

No entanto, desconsiderando a importância da voz social da Mãe Baiana de Oyá para a promoção da religiosidade africana, o locutor Camargo, sob a égide semântico-axiológica da intolerância, credita o desaparecimento de seu celular a parceiros da religiosa, enunciando, injuriosamente, um conjunto de impropérios ofensivos à imagem da ativista social. No primeiro momento, o locutor se refere à mulher utilizando o signo ideológico *filha da puta* e *macumbeira*, palavras que, no horizonte social brasileiro, adquiriram culturalmente estigmas pejorativos e que revelam o preconceito religioso do locutor. Juntamente com esses signos pejorativos, destaca-se também o uso do determinante *tal*, escolha lexical que, neste contexto, sugere o desprezo do locutor pelo seu objeto de dizer ("Uma *tal* de Mãe Baiana, aquela que infernizava a vida de todo mundo"), uma vez que, do ponto de vista morfossintático da língua, a palavra *tal* possui a funcionalidade de um determinante, porém,

sob a ótica dialógico-discursiva, ela sugere um determinante que indetermina, pois, ao anteceder o nome do sujeito ao qual o locutor se refere, acaba dando-lhe "ares" de indiferença quanto à própria nomeação. Assim, ideologicamente, revela-se um locutor sociológico que, pelo tom, despreza o seu próprio objeto do dizer.

Além disso, em seu discurso, pode ser avistado o fato de Camargo acusar Adna Santos de estar "querendo agitar invasão" no espaço físico da Fundação Palmares. Todavia, em depoimento ao Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, a babalorixá, mostrando-se atônita com as acusações, afirma não conhecer Sérgio Camargo pessoalmente (FERREIRA, 2020). Na sequência enunciativo-discursiva, o locutor continua, sob tom acusatório, o seu projeto de dizer, dando pistas axiológicas de sua antirreligiosidade africana: "Não vai ter nada, nada pra terreiro, da Palmares, enquanto eu estiver aqui dentro. Nada, sério. Macumbeiro não vai ter nenhum centavo [...] Qualquer um", o que o mostra avesso às incumbências que o cargo de presidente da Fundação Palmares requer. Acoplado ao desdém da cultura religiosa africana, presencia-se, na discursivização, uma inclinação do representante público a práticas de improbidade administrativa, uma vez que suas próprias afirmações revelam o seu ato de demitir, por desconfiança desmedida, três funcionários da organização que, supostamente, coadunam-se à "inimiga" Mãe Baiana de Oyá: "Quem poderia? Alguém que quer me prejudicar, invadindo esse prédio aqui pra me espancar. Quem poderia ter feito isso? Invadindo com a ajuda de funcionários daqui".

Ademais, em relação ao desdém do locutor quanto à religiosidade africana, faz-se necessário sublinhar que o seu tom axiológico advém de sua coadunação à malha discursiva bolsonarista⁷ que, desde sua gênese política, comunga-se ao

fundamentalismo pentecostal, no qual, segundo estudos de cientistas políticos, Jair Messias Bolsonaro encontrou o contingente eleitoral de maior expressividade. Por conseguinte, nesse movimento aproximativo com setores religiosos, presencia-se, por diversos motivos, uma aproximação socioideológica com valores fascistas, uma vez que "o próprio slogan de campanha e do Governo de Bolsonaro ("Brasil acima de tudo e Deus acima de todos") revela não apenas o seu criacionismo como também o seu eugenismo de inspiração nazista" (PAULA; LOPES, 2020, p. 40). Conforme Poulantzas (1978), o nazifascismo europeu e a Igreja uniram-se pela busca de poder e, por conseguinte, aproximaram-se em termos ideológicos. Assim, as práticas sociodiscursivas hitlerianas e mussolinianas suprimiram o devir de crença das camadas sociais da sociedade civil; e, pelo que sugere o discurso de Sérgio Camargo, o movimento discursivo brasileiro atual anseia pelo mesmo. Trata-se de promover a ideologia dominante, da religião atual dominante no país (os pentecostais), uma busca pelo

ramo do aparelho de Estado que domina os outros: por exemplo, "militarização" da sociedade e do conjunto dos aparelhos – administração –, "clericalização" da sociedade e do conjunto dos aparelhos – Igreja. Este funcionamento particular do Estado de exceção é assim o meio necessário para uma reorganização da hegemonia ideológica [...] o Estado fascista apresenta traços comuns aos da forma de Estado intervencionista (POULANTZAS, 1978, p. 340).

Associado à questão da religiosidade, destaca-se, por fim, o trecho final do projeto enunciativo do locutor Sérgio Camargo. Segundo a reflexão de Lilia Moritz Schwarcz (2019), há na psicologia social mundial uma narrativa discursiva falaciosa que reconta o Brasil como sendo uma nação habitada por relações étnico-raciais harmoniosas. Contudo, ainda que os fatos históricos

⁷ Pelo fato de considerarmos o nosso leitor presumido como (co)construtor dos sentidos por nós mobilizados, indicamos a leitura da dissertação intitulada *A malha valorativo-discursiva da atual extrema direita brasileira: ecos nazifascistas e vestígios da política do nós versus eles*, produzida pela presente autoria e referenciada ao final do presente artigo. Nesse estudo, prescreveu-se os principais valores nazifascistas presentes na malha discursiva do governo brasileiro atual, que se encontra sob a égide de Jair Messias Bolsonaro. Como aspectos nodais que firmam as discursivizações das vozes sociais que compõem o referido governo, destacam-se os seguintes epicentros semântico-axiológicos: a construção de um inimigo político, a edificação imaginária de um passado mítico, o anti-intelectualismo, o antissemitismo e a religiosidade da qual emergem o preconceito religioso e racial. Acreditamos, com essa indicação de leitura, que o nosso leitor presumido pode alargar seu horizonte sociológico para além das linhas teóricas neste artigo lapidadas.

contradigam a falácia, não se pode negar que, no percurso historiográfico brasileiro, diversas políticas públicas foram fomentadas para o emudecimento de preconceito às minorias.⁸ Apesar dessas benfeitorias, o que se pode observar no horizonte sociológico brasileiro é que, em sua discursividade,

permanece o evolucionismo positivista pela transitividade da condição, como um caminho para 'virar branco', superado em termos legais pela Constituição Federal, mas ainda em prática nas políticas públicas racistas, tornadas ainda mais explícitas após a ascensão ao poder de Jair Bolsonaro (MILANEZ *et al.*, 2019, p. 2167).

Comungando-se a essa tessitura racista do bolsonarismo, observada por Milanez *et al.* (2019), Sérgio Camargo, mesmo sendo negro⁹ e representante da principal organização da afro-brasilidade, projeta o seguinte dizer: "O movimento negro, os vagabundos do movimento negro, essa escória maldita". Pode-se perceber, nesse enunciado, o alinhamento do locutor ao preconceito racial, tão sobrejacente na política bolsonarista, antevista nesta investigação pela materialização de enunciações do presidente Jair Messias Bolsonaro, indicadas para visualização em nota de rodapé deste artigo. Ao se referir ao movimento negro pelos signos ideológicos *vagabundos* e *escória maldita*, Camargo, na contramão das incumbências do seu cargo executivo, desqualifica, por meio de adjetivações, o Zumbi dos Palmares e o movimento da consciência negra, revelando desdém a todos os aspectos que semantizam a cultura afrodescendente, simbolizados, emblematicamente, na Fundação por ele presidida. Trata-se do chicote discursivo, uma vez que, a população negra que outrora era açoitada em praça pública, hoje, no Brasil atual, permanece sendo violentada, porém, de maneira mais requintada (mas não menos cruel), pelo uso da *palavra*. Em

concomitância, assiste-se, no horizonte discursivo brasileiro da contemporaneidade, um silêncio amuado de parte das instituições sociojurídicas frente a um discurso como esse que acabamos de analisar. Ainda que a Constituição prescreva que todos são iguais perante a lei, o bolsonarismo insiste em deslegitimar o sujeito do direito, como sugerem as palavras proferidas pelo locutor Sérgio Camargo.

Todavia, esse processo de deslegitimação não se fomenta interinamente apenas alicerçando-se em um grupo político específico, mas, sim, por um sistema patriarcal que, ancorado na díade capitalismo-racismo, permite o surgimento de discursos institucionais como o de Sérgio Camargo, permeado por palavras ideológicas que desintegram um Estado de direito em construção. Sendo assim, um representante público vilipendiar uma identidade feminina e o movimento negro por meio de palavras como *miserável, escória maldita, filha da puta* e *vagabundos* elucida e reafirma que as

estruturas de dominação não se transformam meramente através da legislação. Esta é importante, na medida em que permite a qualquer cidadão prejudicado pelas práticas discriminatórias recorrer à justiça. Todavia, enquanto perdurarem discriminações legitimadas pela ideologia dominante, especialmente contra a mulher, os próprios agentes da justiça tenderão a interpretar as ocorrências que devem julgar à luz do sistema de ideias justificador do presente estado das coisas (SAFFIOTI, 1987, p. 15).

Porém, conforme assevera a política e socióloga Alcira Argumedo (1993), no percurso histórico dos países que integram a América Latina, observa-se uma sobrepujança na luta das "minorias" por

afirmar sua dignidade como povos, como comunidades, como homens e mulheres, apesar dos períodos de aparente submissão, quando o genocídio ou a derrota os obrigou a recuar

⁸ A terminologia "minorias" é utilizada do ponto de vista sociológico, indicando os sujeitos sociais que são colocados à margem da sociedade. No entanto, estatisticamente, as minorias são maiorias, pois, a elite dominante é reservada por uma parcela inexpressiva de cidadãos.

⁹ Para a compreensão deste fenômeno, indicamos a leitura da obra *A reprodução*, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Neste estudo, ao analisarem o sistema de ensino francês da década de 1960, os sociólogos esboçam como o sistema educacional funciona como um instrumento de reprodução cultural da ideologia dominante. A reinterpretação da obra, ao nosso olhar, pode subsidiar explicações de o porquê, no seio da sociedade brasileira, há a reverberação discursiva de machismo por mulheres, racismo por negros e homofobia pela comunidade LGBT.

até que recuperassem as forças ou encontrassem novas oportunidades de insurreição (ARGUMEDO, 1993, p. 16-17, tradução nossa).¹⁰

Consequentemente, esse ímpeto de luta e insubmissão do qual a estudiosa fala pode ser avistado, por exemplo, no fenômeno de *contrapalavra* que emerge do discurso do locutor Sérgio Camargo. A seguir, atentemos para a imagem fotográfica:

Figura 1 – Protesto do movimento negro



Fonte: Cruz (2020).

A Figura 1 ilustra um protesto, sob o invólucro axiológico uníssono das palavras "Vidas Negras importam", ocorrido na manhã do dia 5 de junho de 2020, após o vazamento dos áudios do presidente da Fundação Palmares Sérgio Camargo, analisado anteriormente. Trata-se de um fenômeno discursivo de responsividade que, axiologicamente, contrapõe-se aos signos ideológicos proferidos pelo locutor, o qual, ao referir-se à Mãe Baiana de Oyá e ao Movimento Negro, utilizou léxico pejorativo (maldita, macumbeira, escórnia, vagabundos etc.). Se observarmos a linguagem imagética da fotografia, podemos perceber que as pessoas que nela se fazem presentes vestem indumentárias que correspondem à religiosidade africana. Desse modo, respondem ao desdém pelo Candomblé posto em funcionamento no discurso de Camargo, reiterando, assim, a importância da identidade religiosa. Ademais, visualiza-se, da esquerda para a direita de quem olha

a imagem, uma mulher empunhando a metade da bandeira nacional remontada com a metade da bandeira gay, algo que sugere a contraposição do protesto à malha valorativo-discursiva bolsonarista, que, desde sua gênese, violenta discursivamente o tipo social homossexual. Além disso, ao centro da fotografia, uma figura feminina hasteia, manualmente, a imagem de um menino negro que clama justiça, sugerindo a importância de vidas negras, hostilizadas pela fala do atual presidente da Fundação Palmares. Trata-se de uma prática sócio-histórica da linguagem que revela o seu matize fenomênico responsivo, no qual *contrapalavras*, convertidas em enunciados, "não são indiferentes entre si nem bastam a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter" (BAKHTIN, 2016, p. 57) que, no protesto analisado, revela-se com arquétipo de resistência.

Considerações finais

Ainda que, do ponto de vista bakhtiniano, as axiologias convocadas pela linguagem são imensuráveis e, por isso, nada no mundo concreto se encontra interinamente acabado, neste momento (nunca) final, faz-se necessária a conjuração de um tom com ares de "acabamento" do artigo desenvolvido. Desse modo, torna-se fulcral retomarmos, sumariamente, os três principais momentos que fomentaram o lapidar enunciativo da presente reflexão.

No primeiro momento, convocamos vozes intelectuais atreladas à História, à Sociologia e à Antropologia Social para, sucintamente, apontarmos os principais aspectos que identificam o *modus operandi* da escravidão ocorrida no Brasil. Além disso, a partir de lentes que concebem a historicidade como um processo, esboçou-se o modo pelo qual as práticas sociais nacionais continuam atreladas à linguagem escravocrata, denunciando uma configuração estatal que se estrutura na insígnia do racismo.

¹⁰ Do original: afirmar su dignidad como pueblos, como comunidades, como hombres y mujeres, no obstante los periodos de aparente sometimiento, cuando el genocidio o la derrota obligaban a replegarse hasta recobrar fuerzas o encontrar nuevas oportunidades de insurrección.

No segundo momento, com vistas a prescrutar como se faz projetado o racismo no discurso institucional atual, convocamos a ótica bakhtiniana para alicerçar os aspectos que envolvem a linguagem posta em ação, tendo como recorte teórico-metodológico o entendimento das noções de palavra e contrapalavra. Além de nesse momento ocorrer uma tentativa de reafirmar as vestes sociológicas que este arcabouço lançou à linguagem, faz-se necessário reafirmar que o viés bakhtiniano, por meio da rubrica da ideologia, percebe os sujeitos na responsabilidade no ser/existir (não álibi) e, por meio da rubrica do dialogismo, mostra-nos que "cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites [...] é o correlacionamento de dado texto com outros textos" (BAKHTIN, 2017a, p. 66).

No que tange ao terceiro momento, em uma tentativa de levar à aplicabilidade do que fora desenvolvido na parte teórica, lapidou-se a análise dialógico-discursiva do projeto de dizer do atual presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, ocorrido em uma reunião com dois servidores da instituição federal. Durante a análise, pode ser observado que o locutor em voga, sob a égide semântico-axiológica bolsonarista, verbaliza injúrias contra Adna dos Santos, uma das figuras mais representativas do território nacional no que diz respeito à defesa da cultura do candomblé. Ademais, por meio do uso de palavras ofensivas e chulas, o locutor Sérgio Camargo, na ocasião, agrediu também o movimento negro, chamando-o de *escória maldita* e *vagabundos*, reduzindo a importância da funcionalidade da organização. Em termos gerais, o discurso analisado, por ser verbalizado por um sujeito que ocupa o cargo de presidente da Fundação Palmares, sugere uma sobre-eminência do racismo institucional quando comparado às atitudes discursivas de sujeitos que ocuparam o cargo anteriormente. As palavras proferidas por Camargo, juntamente com o tom prosódico, permitem a interpretação de que há, nesse projeto do dizer, um locutor com um considerável intento em macular a identidade negra.

Concomitantemente, é importante sublinhar que, durante o áudio, pode-se observar um silen-

ciamento por parte dos outros dois funcionários estatais frente à violência verbal. Esse ato de silenciar, que também se configura como um agir discursivo, insinua que na instituição Fundação Palmares há, minimamente, três sujeitos que, ocupando um cargo estatal que deveria dignificar a comunidade negra, agem na contraposição, de forma racista. Essa compreensão se legitima quando amparada pelo viés discursivo bakhtiniano, uma vez que, se o locutor Sérgio Camargo não tivesse a certeza de um possível consentimento,

a entonação tomaria outro rumo, acrescida de outras tonalidades [...]. Quando uma pessoa pressupõe que o outro discorda dela ou ao menos não tem certeza ou dúvida da sua concordância, ela não só entoa as palavras de outro modo, como constrói o enunciado de outra maneira (VOLÓCHINOV, 2019, p. 124).

Entrementes, ainda que a população negra se veja chicoteada discursivamente por quem deveria ser um dos seus maiores representantes, ela persiste, revelando-nos, pelo aspecto fenomênico da contrapalavra, uma identidade historicamente marcada pelo verbo *resistir*. Nesse aspecto, foi analisado um protesto organizado pelo movimento negro em frente ao espaço físico da Fundação Palmares. Figurados nas vestes sociológicas das palavras *Vidas Negras importam*, percebeu-se como a linguagem imagética, também vista como palavra-enunciado, intensificou o valor do campo semântico de palavras como *luta* e *resistência*.

Por fim (e sem fim), tendo em vista a urgência do que neste artigo foi tematizado, é importante termos a lucidez de que

enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma *práxis* de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial (GONZALEZ, 2018, p. 255).

Nesse sentido, nas entrelinhas do nosso objetivo proposto, ecoou também a tentativa de destacar que a ótica bakhtiniana, ao refutar a concepção de linguagem enquanto abstração, reclama aos

investigadores que a ela se vinculam um olhar crítico para os atos discursivos, ultrapassando, desse modo, as arestas do teorismo positivista. Esse "ir além" da ortodoxia teórica implica, sobretudo, um ato ético investigativo de elucidar para a sociedade as tentativas sociológicas de macular identidades desfavorecidas pela ideologia dominante. Assim como o Círculo de Bakhtin sobrepujou os gestos centrípetos stalinistas, usemos nós, bakhtinianos, também fazê-lo contra movimentos discursivos equipolentes na atualidade, por meio de nossas contrapalavras investigativas.

Referências

- ARGUMEDO, Alcira. *Los silencios y las voces en America Latina*: notas sobre el pensamiento nacional y popular. Buenos Aires: Ediciones del Pensamiento Nacional, 1993.
- ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Antônio Campelo Amaral, Carlos Gomes. Vega, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a.
- BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo*: um esboço crítico. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017b.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello, Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- CAMARGO. Organizações e lideranças religiosas pedem ação contra Sergio Camargo por racismo. Jornalismo TV Cultura. *Youtube*. [S. l.], 04 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0zZ8gNVzjY>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- COSTA, Marcos. *A história do Brasil para quem tem pressa*. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
- CRUZ, Carolina. Movimento negro protesta em Brasília e pede saída do presidente da Fundação Palmares. *G1*, Distrito Federal, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/05/movimento-negro-protesta-em-brasilia-e-pede-saida-do-presidente-da-fundacao-palmares.ghtml>. Acesso em: 1 jan. 2021.
- FERREIRA, Afonso. Mãe de santo xingada por presidente da Fundação Palmares presta depoimento ao Ministério Público do DF. *G1*, Distrito Federal, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/04/mae-de-santo-xingada-por-presidente-da-fundacao-palmares-presta-depoimento-ao-ministerio-publico-do-df.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... São Paulo: UCPA, Diáspora africana, 2018.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Edição Popular, 1963.
- MILANEZ, Felipe *et al.* Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 2161-2181, 2019.
- PASCHOAL, Cristiano Sandim. O novo tom axiológico da expressão "cidadão de bem": refrações semânticas e indícios de estratificação da sociedade brasileira. *Memento*, [Três Corações], v. 11, n. 1, jan./jun. 2020.
- PASCHOAL, Cristiano Sandim. *A malha valorativo-discursiva da atual extrema direita brasileira*: Ecos nazifascistas e vestígios da política do "nós" versus "eles". 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2021.
- PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set./dez. 2020.
- PAULA, Luciane de; LOPES, Ana Carolina Siani. A Eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 35, p. 35-76, set. 2020.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SCHWARCZ, Lília Mortiz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.
- STELLA, Paulo R. de Camargo. Palavra. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

Cristiano Sandim Paschoal

Doutorando em Letras/ Linguística, vinculado à linha de pesquisa Teorias e Usos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista CNPq. Mestre em Linguística pela mesma instituição.

Endereço para correspondência**Cristiano Sandim Paschoal**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 9, sala 29
Partenon 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.